

**A ATIVIDADE LÚDICA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA:  
QUANDO O PACIENTE MANIFESTA O DESEJO DE BRINCAR**

Juliana Rita Pinheiro  
Matias Trevisol

Resumo

**INTRODUÇÃO:** O presente resumo tem por objetivo geral entender, sob o panorama da teoria psicanalítica, o significado da atividade lúdica dentro do processo psicoterapêutico a partir de um caso clínico atendido pela estagiária do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), ao realizar o componente de Estágio Curricular Supervisionado I. O local de atendimento foi a Clínica de Psicologia da UNOESC. Ainda, tem como objetivos específicos: pensar acerca de como é o brincar para o paciente e ressaltar a importância do respeito e empatia aos momentos em que o paciente manifesta o desejo de brincar.

**DESENVOLVIMENTO:** Para explicar o caso, em consideração ao sigilo, a paciente será mencionada pelo nome fictício de Bella, que já surge como um chamado de carinho para as meninas que são registradas com ele. Logo no primeiro atendimento, Bella, uma criança de 8 anos, mostrou-se muito reservada, falando apenas quando questionada e respondendo de forma breve. Hermann (1992) diz que o paciente chega ao consultório ocupado apenas com a busca da satisfação de suas necessidades do cotidiano. Quando ele deixa de ser escravo da necessidade, ele passa a funcionar em um sistema mais complexo que pode ser chamado de desejo. O autor afirma

que: A necessidade leva a ter afetos não pensáveis e ações imediatas; mas o desejo é a matriz interna das emoções. Emoção é a combinação de afeto com idéia, é idéia carregada, capaz de afetar o sujeito. E é isso que vai interessar ao analista. Este quer conhecer a forma geral das emoções de seu paciente, sua unidade profunda, seu desejo (p.26). Em todas as tentativas utilizadas pela estagiária, Bella permaneceu contida, demonstrando, ao que tudo indica, uma certa rijeza a iniciar o processo psicoterapêutico. Contudo, após quatro sessões, ao ser questionada sobre o que sentia ao estar ali, Bella declarou que, para ela, era um momento muito bom, ficava ansiosa antes de chegar a psicoterapia, mas ali se sentia segura e feliz, queria brincar. De acordo com Freud (1976), o brincar é como um mecanismo psicológico que permite à criança criar um mundo que atenda aos seus desejos e necessidades, no qual poderá repetir suas vivências, assim como fazer coisas que não estão ao seu alcance. O brincar espontâneo ao longo do processo psicoterapêutico é importante para o desenvolvimento, assim como o dirigido, onde os resultados obtidos pelo brincar espontâneo e dirigido são identificados através da mudança de comportamento ao longo do processo psicoterapêutico. Contudo, não se trata do brincar em si. O ato de brincar permite à criança expressar com maior facilidade os seus conflitos e dificuldades, ajudando-a na sua integração e adaptação social. Sendo o seu grande propósito promover ou retomar o bem-estar psicológico da criança através de atividades lúdicas. Para a psicanálise o brincar apresenta também um conteúdo latente que manifesta representações inconscientes do sujeito. Segundo Winnicott (1975), brincar está além da diversão, do entretenimento: "a característica do brincar é o prazer", mas esta atividade só dará prazer se for significada. "A significação do brinquedo depende do uso de símbolos" e, nessa visão, o entendimento sobre o brincar não deve focalizar apenas o brinquedo em si, o objeto ou a atividade realizada pela criança e sim, a representatividade da atividade e da brincadeira. Ledoux (1979/1990) coloca que a partir do que a criança diz e do que ela representa em suas atividades lúdicas, é possível identificar a realidade em torno da qual o imaginário construiu as fantasias. A análise consiste em pesquisar o que a criança repete

do desejo que não pôde exprimir-se; em descobrir os afetos que cercam os desejos recalçados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Após o retorno dado por Bella, tentou-se, nas sessões subsequentes, brincar no tempo dela, afim de interpretar de modo prudente o brincar, realizando atividades de elucidação do inconsciente e beneficiando a fluência das cadeias associativas de signos empreendidas pela criança. Tendo em vista todas as funções do brincar analisadas no presente trabalho – tais como seu papel na constituição do sujeito; sua função nas operações que constroem a realidade psíquica; sua capacidade de elaborar fantasias e fantasmas por meio das trocas entre os sistemas inconsciente e préconsciente/consciente – o analista compreendeu no ato de brincar, algo positivo e não um entrave. A contar desta compreensão, entorno de seis sessões após em que o brincar sobressaía, Bella passou a transferir mais questões pessoais por meio dos posicionamentos e predileções no brincar, observando seus próprios deslocamentos internos e instantes reflexivos.

#### REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1976) A Interpretação dos Sonhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

HERMANN, F. (1992) Clínica Psicanalítica: a arte da interpretação. São Paulo: Brasiliense.

LEDOUX, M. H. (1990) Introdução à Obra de Françoise Dolto. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1979)

WINNICOTT DW. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago; 1975

ju.saude.psi@gmail.com

matias.trevisol@unoesc.edu.br